

## **A Copa já Chegou!! O Sul-Americano de Futebol de 1949 e as Crônicas do Jornal dos Sports<sup>1</sup>**

André Alexandre Guimarães COUTO<sup>2</sup>

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, RJ

Álvaro Vicente do CABO<sup>3</sup>

Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

O Campeonato Sul-Americano de Futebol retornava ao Brasil no ano de 1949 sob muita expectativa dos fãs deste esporte e dos que torciam pelo selecionado brasileiro; pelo menos era este o ponto de vista do *Jornal dos Sports (JS)* e de seus respectivos cronistas. Desta forma, o artigo procura analisar as crônicas que dialogavam ou retratavam a organização e a realização do evento da CONMEBOL. Para tanto, selecionamos dois dos principais cronistas do *JS* tendo em vista a frequência mais contínua de suas respectivas publicações, além de representarem estilos discursivos e narrativos diferenciados na empresa em questão. A adesão e apoio ao evento esportivo tornaram-se uma característica desta cobertura jornalística por parte destes autores, inclusive pela expectativa em torno da Copa do Mundo da FIFA, que ocorreria no ano seguinte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sul-Americano de Futebol; Jornal dos Sports; Crônicas.

### **A América no Brasil**

O principal torneio de seleções de futebol na América Latina, criado em 1916, voltara a ser organizado e sediado em território brasileiro após 27 anos e vinha numa conjuntura de expectativa por conta da vindoura competição internacional e mundial: a Copa do Mundo FIFA, que também seria realizada no Brasil em 1950.

Em 1922, o Brasil conquistara o segundo título sul-americano, justamente atuando em sua própria casa. Cabe lembrar que as primeiras edições deste torneio tinham uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em História (UFPR), Professor e Pesquisador do CEFET/RJ e Pesquisador do SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), do NEFS – Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e do NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da Universidade Federal Fluminense (UFF), email: guimaraescouto@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Doutor em História Comparada (PPGHC- UFRJ), Mestre em Comunicação Social (PPGCOM-UERJ) Professor da UCAM e Pesquisador do SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do LEME – Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), email: alvarodocabo@yahoo.com.br.

periodicidade irregular, conforme podemos observar na nota abaixo, com edições por vezes anuais, bianuais ou ainda em espaços temporais maiores.<sup>4</sup> Também devemos perceber que os primeiros torneios contavam com poucas seleções: nas primeiras nove edições do torneio, ou seja, até 1925, a média de equipes participantes era de 4 selecionados.<sup>5</sup> Apesar de este período não ser o objeto de nosso estudo, podemos inferir que o mesmo coincide com os primórdios da organização das confederações nacionais dos países da América Latina, sendo o processo ainda lento e gradual e, principalmente, em ritmos diferenciados nos países que compõem o continente sul-americano.

O aumento de participação dos selecionados se inicia na edição de 1942, com a presença de 7 equipes e a década de 1940 termina justamente com o evento no Brasil com a participação de 8 seleções nacionais. Portanto, o grau de representação dos países no torneio sul-americano realizado no Brasil era o mais alto.<sup>6</sup> Só não teve um grau ainda maior desta representação sul-americana por conta da ausência da Argentina. Esta seleção não compareceu ao torneio em 1949 pelos problemas causados por uma greve generalizada dos jogadores de futebol daquele país. Este movimento social grevista também atingira aos jogadores do Uruguai, porém sua confederação nacional resolvera enviar uma equipe mais jovem, da categoria juvenil (SOTER, 2002, p. 76).

Desta forma, parte da imprensa esportiva apelava para o interesse dos leitores em torno da possibilidade da conquista de um título internacional do Brasil. As cidades sedes da competição foram o Rio de Janeiro (São Januário e General Severiano), São Paulo (Pacaembu), Santos (Vila Belmiro) e Belo Horizonte (Independência).<sup>7</sup>

Jornal especializado em esportes desde sua criação em 1931, o *Jornal dos Sports (JS)* adotara uma estratégia de defesa do esporte nacional, seja pela tentativa de criar uma relação emotiva de fidelização de leitores, seja por um projeto modernizador de sociedade que incluía os esportes como elemento fundamental nesta trajetória (COUTO, 2011). Para o Sul-Americano de 1949, a visão geral do jornal e de seus principais cronistas vai explorar algumas questões centrais a saber: 1) o espírito de uma nacionalidade brasileira e do combate com seleções internacionais na luta por um título significativo; 2) a recuperação de uma memória

<sup>4</sup> As edições do Campeonato Sul-Americano realizadas até 1949 ocorreram em: 1916, 1917, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1929, 1935, 1937, 1939, 1941, 1942, 1945, 1946 e 1947.

<sup>5</sup> As exceções deste período entre 1916 e 1939 foram os anos de 1922, 1926 e 1935 (com 5 equipes) e 1925 (com apenas 3 seleções).

<sup>6</sup> Lembramos que na edição anterior de 1947 participaram 8 seleções, sem a presença, no entanto, do Brasil que já havia conquistado o torneio em dois momentos anteriores.

<sup>7</sup> Apesar das 4 cidades e 5 estádios distintos, cabe informar que o torneio se concentrou em São Januário e no Pacaembu, pois os demais receberam poucos jogos: Vila Belmiro (1), Independência (1) e General Severiano (2).

baseada em vitórias históricas da seleção brasileira; 3) a expectativa de organizar um evento esportivo internacional às vésperas de outro torneio ainda mais relevante – a Copa do Mundo FIFA; 4) a possibilidade de confraternização com outros povos da América do Sul e, finalmente, 5) a condenação da não participação da Argentina nos campos brasileiros.

Cabe ressaltar que enquanto o *JS* promovia um amplo apoio à organização e execução do evento, outros jornais não tinham o mesmo interesse ou o objetivo. O *Correio da Manhã*, por exemplo, que já tinha uma visão mais contida e austera das emoções proporcionadas pelo esporte, enxergava a competição como um evento ou mesmo uma matéria jornalística menos relevante. Chegamos a esta conclusão, dentre outras perspectivas de análise, pelo fato dos espaços sobre o evento no jornal serem muito pequenos, com pouco destaque para os seus leitores, inclusive no dia da abertura oficial do evento (CORREIO DA MANHÃ, 03/04/1949, p. 1).<sup>8</sup> Outro ponto importante de análise era que invariavelmente, o *Correio da Manhã* duvidava da capacidade de organização do torneio e, principalmente, da participação dos torcedores nos estádios brasileiros:

Sem o brilho de outras ocasiões, foi solenemente inaugurado, anteontem, o XVI Campeonato Sul-americano de Futebol. A magnificência do espetáculo do principal certame esportivo da América do Sul foi aquém da expectativa. O público carioca, não muito afeito a cerimônias desta natureza – pois lá vão 27 anos quando patrocinamos um Continental – não deverá ter notado a simplicidade de que esta se revestiu. E o próprio público contribuiu para tanto. A ocorrência ao estádio de São Januário foi contrastante. Muito inferior a um Flamengo x Vasco (...) (CORREIO DA MANHÃ, 05/04/1949, p. 12).

Nesta matéria, a abertura do Campeonato Sul-Americano, chamado/confundido por vezes pela imprensa em geral de Copa América, sofria duras críticas pelo seu caráter organizacional e pela participação do público presente.<sup>9</sup> Para tanto, o principal argumento era que ficáramos muito tempo sem organizar um evento desta importância. Percebe-se que não há uma contestação da relevância do torneio, mas sim da capacidade nacional de organizá-lo e de aderi-lo. Frieza e desconfiança permeavam a cobertura do evento por parte deste jornal, bem diferente do que apresentava as páginas do *JS* sobre o mesmo assunto.

<sup>8</sup> No caso da edição 17.190 do dia 03/04/1949, o tema do Sul-Americano de Futebol, nem aparece na primeira página do jornal, só chegando aos leitores no segundo caderno do periódico.

<sup>9</sup> Apesar do nome Copa América só ser oficialmente reconhecido como o título do Campeonato Sul-Americano de Futebol, em 1975, os jornais brasileiros por vezes utilizam o nome como referência ao troféu, e, por conta disso, o associava ao próprio torneio.

---

Como já apontamos, o *JS* não só cobria o evento esportivo com entusiasmo jornalístico, como adotara uma postura quase protagonista na chamada do público torcedor para o evento, a exemplo da crônica de Mário Pólo:

(...) Cooperando para o sucesso, e correspondendo aos sacrifícios de nossa Confederação, é mister que a população assista aos jogos, sem levar em conta se, no dia, jogam ou não os brasileiros. O football brasileiro tem que dar uma demonstração mundial da sua capacidade financeira e do seu espírito esportivo. Precisamos conhecer de perto a técnica, o sistema e o estilo de cada participante.(...) (PÓLO, 02/04/1949, p. 5.)

O cronista a exemplo da linha editorial do jornal em questão, defende a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) por conta de uma possível ausência de recursos para uma melhor organização do evento. Além disso, conclamavam as pessoas a assistirem os demais jogos onde não teriam a presença do selecionado brasileiro. Mais do que a possibilidade de conhecer nossos adversários do próprio torneio e da futura Copa do Mundo (que ocorreria no ano seguinte, também no Brasil), o grande temor deste autor era justamente a imagem de arquibancadas vazias ao longo do campeonato. A imagem do Brasil enquanto organizador estava em jogo e, portanto, a chamada “pública” era necessária e vital para a construção de um país moderno e avançado o suficiente para receber representantes de outros países em seu território.

Outro autor, João Lira Filho, que escrevia sobre temas como o direito esportivo no *JS*, também se preocupava com o público presente aos jogos: “(...) O êxito do campeonato depende da força da tesouraria que os jogos vão nutrir. Se não houver sol, será muito sombrio o resultado a ser enfrentado pela entidade.” (LIRA FILHO, 3/04/1949, p. 9). Cabe lembrar que no mês de abril de 1949 as chuvas tornavam-se frequentes nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo. Assim como Mário Pólo, a confederação brasileira era aplaudida por Lira Filho: “(...) Todos reconhecamos a benemerência que a CBD empenhou nesse certame de cujo proveito participa, em primeiro lugar o interesse público do Brasil.” (LIRA FILHO, 3/04/1949, p. 9). Lira Filho assim como outros intelectuais dos anos 1940 pensava a relação público/privada como novas formas de arranjos institucionais no Brasil. No Governo Vargas, e mesmo no final da década de 1940, pensava-se na formação de espaços públicos corporativos e resultantes da dificuldade de se pensar uma sociedade pautada em uma centralização do Estado aliada às práticas históricas liberais (GOMES, 1998, p. 511).

Para esta pesquisa utilizamos como fontes de nossa análise, as crônicas publicadas no *Jornal dos Sports*, ao longo da realização do evento, que ocorreu entre 3 de abril e 11 de maio. Para tanto, selecionamos dois dos seus principais autores que até então não apresentamos: Manoel Vargas Netto e Álvaro do Nascimento (o “Zé de São Januário”). A

---

escolha por estes dois autores se deu por conta de entendermos que ambos fazem parte do conjunto de cronistas mais longevos do jornal, de possuírem colunas autorais e fixas e de terem espaços diários, aumentando a possibilidade de fidelização de seus respectivos leitores.

Além disso, cada um representa dois dos estilos discursivos dos cronistas do *JS*, já ambos atuando na década de 1940, mas consolidados na década de 1950: de um lado um autor oriundo do mundo da literatura e utilizando narrativas com elementos culturais universais como a referência à literatura e artes em geral; de outro, um jornalista provocador, e que abusava das gírias, piadas e acusações diretas e nada diplomáticas contras as autoridades locais e do esporte (COUTO, 2016).

Poderemos a partir de agora, compreender melhor os olhares de cada um dos cronistas supracitados sobre o Sul-Americano de 1949, seus discursos e principais preocupações acerca deste torneio e os seus respectivos impactos na sociedade carioca e brasileira. Cabe lembrar que apesar da linha editorial chefiada por Mário Rodrigues Filho ter dado total apoio ao evento, os cronistas do *JS* tinham total autonomia discursiva para publicar seus textos e suas respectivas opiniões, contrariando, por vezes, um caminho geral apontado pela direção do jornal/empresa (COUTO, 2016).

### **Vargas Netto: Nossa torcida disciplinada é um espetáculo**

Um dos cronistas com grande participação nas páginas do *JS* entre os anos 1940 e 1950, Manoel Vargas Netto, sobrinho neto de Getúlio Vargas, tinha uma formação acadêmica voltada para a área do Direito e da Literatura, tendo atuado como autor de poesias, procurador, dirigente esportivo e cronista. Adotava uma estética discursiva com características pontuais como o uso rebuscado de palavras e expressões, citações de cunho cultural, valorização nacionalista do brasileiro enquanto povo e de um modelo de sociedade disciplinada e ordenada.<sup>10</sup>

Tinha ainda uma visão do esporte como um elemento quase sublime das relações entre os seres humanos; além de compreendê-lo como um fator importante para a manutenção das boas relações internacionais entre as nações e sua respectiva população. Não por acaso, escreveu uma crônica especificamente para exaltar a importância da presença do Uruguai na competição e, com isso, conseguia expressar dois objetivos principais: não só afagava os

---

<sup>10</sup> Invariavelmente, também chamava a atenção de forma positiva e valorativa para a importância dos clubes e associações desportivas, como promotoras das práticas “saudáveis” de sociabilidade e esportividade (COUTO, 2016).

dirigentes uruguaios pelo apoio que davam à organização do campeonato com a presença da seleção celeste, mas, também, de forma velada, aproveitava a oportunidade para criticar a ausência do selecionado argentino.

Sobre o desfile oficial ocorrido no domingo do dia 3 de abril no estádio de São Januário, Vargas Netto centraliza inicialmente sua atenção na seleção uruguaia, até porque o placar da partida inaugural entre Brasil e Equador (9 x 1) já havia sido explorado por outros cronistas e jornalistas do mesmo periódico. Poucos dias depois, outro texto apontaria as qualidades do selecionado equatoriano diante do Brasil.<sup>11</sup> Todavia, para este autor, no momento, o foco deveria ser uma ideia de disseminação de paz entre os países através do esporte e de como o torcedor brasileiro era disciplinado, ordenado e justo. Desta forma, com o sugestivo título “Nossas Duas Equipes...”, o cronista apresentava sua análise da torcida presente:

Quem assistiu ao desfile das delegações ao XVI Campeonato Sul-Americano de Football, lá no campo do Vasco, viu como o Brasil estava presente no Estadio de São Januário.

Estava presente, não pelo ruído dos aplausos aos nossos atletas, ou pela torcida apaixonada para a nossa equipe no momento difícil ou no instante de glória, mas pelo premio de afeto que ofereceu aos uruguaios.

Formidável torcida brasileira! Formidável em todos os sentidos, pela inteligência, pela compreensão, pela querosidade afetiva e pela capacidade de fazer justiça.

Mais do que a uma equipe os aplausos foram para um gesto. Os uruguaios foram os irmãos solidários, que não mediram sacrifícios, que não temeram dificuldades, para nos brindarem com a sua simpática presença e o abraço fraterno de sua amizade.

Eu agradeço à torcida do Rio essa emoção patriótica que me proporcionou, pois foi com sincera emoção que acompanhei aquela efusão de aplausos aos amigos que não falharam na hora exata.

(...) O Uruguai vai jogar em casa, pois ganhou a nossa torcida!

Será como se tivéssemos duas representações no torneio! (VARGAS NETTO, 05/04/1949, p. 6).

Como destacamos, em várias passagens do texto, a exaltação insistente à federação de futebol uruguaia pelo seu esforço em participar do Sul-Americano associa-se ao sentido “patriótico” da torcida brasileira, que para além de apoiar a sua própria seleção, elevaria o espírito nacional ao reconhecer o esforço do selecionado rival em prestigiar o Brasil.

---

<sup>11</sup> VARGAS NETTO, Manoel. Coração e Raciocínio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 06/04/2019, p. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto. Neste texto, o cronista exalta a “bravura” dos equatorianos e de acordo com o autor, não faltou vontade, garra e força para tentar fazer um jogo melhor contra o Brasil. Vargas Netto chega a comparar os equatorianos aos 300 de Esparta que diante de um adversário superior, os duzentos mil persas, que neste texto, era o Brasil, lutaram até o final. Utilizar aspectos culturais da História, da Literatura, da Música e do universo cultural e artístico como um todo era uma característica peculiar deste cronista no JS.



---

Quanto à análise da seleção argentina, presente de forma oculta no texto acima, Vargas Netto em outra oportunidade, se utilizaria de toda sua experiência como político e dirigente esportivo disciplinador e conservador para realizar uma crítica do movimento grevista, causa principal da desistência da AFA (Asociación del Fútbol Argentino). Apesar de ser parente direto (sobrinho neto) do ex-presidente Getúlio Vargas, e ter se beneficiado ao longo do período entre 1930-1945 no campo profissional e político, o autor, neste episódio, faz uma crítica ao movimento trabalhista peronista como podemos perceber no trecho a seguir: “(...) Começaram os cracks platinos, habitualmente insuflados por Eva Perón, por fundar uma entidade de classe que os abrigasse a todos, e que exigisse largueza das entidades e dos clubes.” (VARGAS NETTO, 07/04/1949, p. 4 e 5).

A figura da primeira dama argentina se tornou mítica e sua memória era lida por como um misto de revolucionária e próxima da esquerda, assim como representante de um governo nacionalista centralizador e autoritário (SILVA, 2014). Parte da imprensa e da intelectualidade brasileira compartilhava desta visão sobre Evita e o governo de Perón. Vargas Netto, neste momento, por ocasião ou por convicção, era um destes intelectuais. Como podemos perceber, e isso não era uma exclusividade de Vargas Netto, os cronistas do *JS*, muito por conta de suas respectivas formações (principalmente dos que integravam o grupo de intelectuais e literatos), discursavam sobre assuntos e temas que iam para além da observação dos jogos e partidas em si.

Outro ponto de inflexão e debate para além da análise do que se fazia no campo esportivo, era a rivalidade com a imprensa especializada de São Paulo. Isso se deu muito em razão da opção do treinador Flávio Costa em escalar jogadores dos clubes da capital paulista para que pudessem apoiar incondicionalmente a seleção brasileira.<sup>12</sup> Várias crônicas e reportagens do *JS* ao longo do torneio, principalmente durante a cobertura dos jogos disputados pelo Brasil no estádio Pacaembu, fariam uma crítica feroz sobre esta decisão do treinador.<sup>13</sup> Uma análise que variava entre a necessidade de ter uma equipe mais coesa e

---

<sup>12</sup> De acordo com Soter, Flávio Costa tinha este problema desde a seleção brasileira fora vaiada em um jogo na Copa Roca contra Argentina disputado em 1946 no estádio do Pacaembu. Todavia, o próprio autor apresenta nos anexos de sua obra que tal jogo ocorrera em dezembro de 1945. Vargas Netto cita em outro crônica uma atuação ruim do Brasil pela Copa Rio Branco, em março de 1947. Jogo que terminara 0 x 0, e que a torcida paulista no Pacaembu tinha vaiado o selecionado nacional contra o Uruguai. De acordo com o autor os protestos foram muito mais pelo mau desempenho da equipe do que a exigência de mais jogadores paulistas no time. Ver em: VARGAS NETTO, Manoel. Quem a torcida queria... In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 09/04/2019, p. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

<sup>13</sup> Como, por exemplo, a crônica de Mário Filho: RODRIGUES FILHO, Mário. A única coisa que se pede do selecionador é a escalação de um verdadeiro scratch brasileiro. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 8/04/1949, p. 5.

---

homogênea, sem grandes trocas de atletas, a de que o campeonato deveria unir a seleção em torno de um objetivo e não ficar a mercê de interesses regionais.

Vargas Netto se torna mais uma vez ao longo de sua trajetória no *JS* um forte defensor da nacionalidade brasileira e alertava que, no limite, a seleção não mais deveria atuar em campos paulistas:

(...) Poder-se-ia falar em nome dos direitos de uma torcida?!... Mas, quais seriam os direitos de uma torcida, que se deixa insuflar, facilmente, por “maus elementos”, e que numa competição internacional vaiou os representantes do Brasil?!

(...) Se Pacaembú não der uma renda compensadora, nem proporcionar um ambiente moral propício às grandes “performances” da seleção brasileira, por que insistir em competições lá?! Não se jogue mais lá e estará tudo solucionado!

Não haverá o trabalho das soluções psicológicas, não será necessário escalar team especial para lá, não haverá aborrecimento de ninguém!

Cuidaremos apenas do selecionado brasileiro, das conveniências nacionais, sem coação de ninguém, num ambiente liberal e fraterno, como é o carioca, onde todos são bem-vindos, porque aqui é a foz de todas de todas as origens e de todos os sentimentos brasileiros, onde todos provincianismos deságuam e somem, como os rios somem no mar. (VARGAS NETTO, 08/04/1949, p. 4 e 5).

O tom severo e por vezes pouco diplomático do autor neste texto demonstra um apreço por uma defesa incontestada da nação, do Brasil; e traz uma própria contradição ao valorizar a importância do Rio de Janeiro (capital federal) justamente em um argumento anti-provinciano. Nestas linhas percebemos também mais uma característica muito comum nas crônicas de Vargas Netto, que o discurso (muitas das vezes na conclusão) mais lúdico e poético, com ironias ou não e trazendo para o diálogo com o leitor elementos da natureza (foz, rios, mar, como exemplos).

Mesmo com todo o debate sobre o assunto, a seleção brasileira conseguiu bons resultados em terras paulistas, vencendo a Bolívia (10 x 1), Chile (2 x 1) e Colômbia (5 x 0). Posteriormente, o Brasil voltaria a atuar em São Januário (Rio de Janeiro) e manteria a sequência de vitórias contra o Peru (7 x 1) e Uruguai (5 x 1). No entanto, o último jogo da seleção contra o Paraguai, também no Rio de Janeiro, gerou frustração na torcida e na imprensa esportiva por conta da derrota por 2 x 1. Pelo regulamento, era necessário ter um jogo de desempate, justamente com o Paraguai, pelo qual o Brasil voltaria a golear de forma impiedosa: 7 x 0 (SOTER, 2002, p. 76-78).



---

Para cobrir o Sul-Americano de 1949, Vargas Netto atacava os adversários internos e externos em seus textos, defendendo o que acreditava ser uma positiva organização do campeonato, que resultaria, por consequência no que seria o orgulho da nação brasileira. As ideias e debates, apesar de nem sempre fazerem referência direta à Copa do Mundo FIFA no ano seguinte, são fundamentais para compreendermos as preocupações do *JS* e de seus cronistas: a formação de um selecionado sem regionalismos ou bairrismos, a necessidade de público assistente aos jogos e a participação e apoio das confederações e associações de futebol dos países aptos a disputarem o torneio. Sem falar na campanha cotidiana de acompanhar as obras do estádio Maracanã, sempre com imagens e manchetes garrafais no alto das páginas do jornal.

Além destas duas frentes de aproximar a cobertura do Sul-Americano com a Copa do Mundo, várias notícias, reportagens e crônicas trariam o foco com a formação ideal da equipe brasileira para 1950, principalmente porque o desempenho no torneio de 1949 alcançava um alto grau de otimismo nas páginas do *JS*.<sup>14</sup>

### **Álvaro do Nascimento: Um observador explosivo e polêmico**

O cronista Álvaro do Nascimento, popularmente consagrado como “Zé de São Januário” escrevia de forma bem humorada, porém muito crítica e era um dos mais tradicionais articuladores do periódico. Em nota no próprio *Jornal dos Sports* por ocasião do seu aniversário no dia 07/04/1949 o jornalista é homenageado da seguinte forma em nota intitulada “Alvaro do Nascimento – Um aniversário, um nome e um símbolo na crônica esportiva da cidade e do país”:

Embora o espírito de equipe seja traço marcante do êxito que tem levado JORNAL DOS SPORTS a aparecer como fiel servidor das causas do desportos, não se pode negar uma referência especial ao agrado que nos causa o aniversário de Alvaro do Nascimento. Trairíamos aos mais elementares princípios da camaradagem se não acentuássemos, desde logo suas qualidades de companheiro leal e dedicado, de bom humor invejável e coração invariavelmente aberto as melhores manifestações de sentimentos que tanto o exaltam em nós. Para o grande público que nos lê, honrando e prestigiando o JORNAL DOS SPORTS, com a sua preferência, Alvaro do Nascimento é ao mesmo tempo, o cronista veterano e batalhador, sempre atento as maiores realizações do nosso desportos e o humorista que atinge

---

<sup>14</sup> Como, por exemplo, no texto de Geraldo Romualdo da Silva, “Cracks para a Copa do Mundo”, publicado no *JS* em 14/04/1949. P. 5.

---

em cheio a quantos desviam do caminho (JORNAL DOS SPORTS, 07/04/1949, p. 4).

Essa deferência institucional feita ao destacado cronista do periódico, além de referendar a importância e longevidade do “Zé de São Januário” caracterizam seu estilo como bem humorado, combativo e bastante crítico.

É importante esclarecer que o autor escrevia crônicas sobre diversos desportos na sua coluna “Uma pedrinha na Shooteira” que é a que está sendo analisada neste item e na maior parte das vezes denunciava ou opinava sobre alguma questão ética que envolvia esportistas, dirigentes, juízes e jornalista, por exemplos.

Mesmo durante a realização do evento, grande parte de seus textos versavam sobre diversos temas como a punição de um atleta de basquetebol<sup>15</sup>, a tentativa de exclusão de um associado do clube do Canto do Rio<sup>16</sup>, um curioso relato de uma história onde supostamente atletas do Madureira teriam trocado de identidade (Neném e Fidélis), sendo que um para ir para uma excursão na Colômbia<sup>17</sup>, enquanto o outro teria permanecido curtindo o Carnaval no Brasil, uma campanha contra a proibição de traje esportivo no Jóquei Clube<sup>18</sup> dentre tantas outras.

Ademais, como a própria alcunha “Zé de São Januário” obviamente revela, diversas crônicas na própria seção analisada tinham como foco questões relativas ao Vasco da Gama<sup>19</sup>, mesmo o jornalista tendo outra coluna que era apenas sobre assuntos relativos ao cotidiano do clube cruz-maltino chamado de “Vasco em dia” que dava informes sobre questões sociais e burocráticas do clube, disputas em outras modalidades como, por exemplo, a equipe de pugilismo vascaína, servindo assim praticamente como um boletim para sócios e torcedores do clube de origem portuguesa.

Nas crônicas que abordam o Sul-Americano é possível identificar também sua postura moralista e extremamente crítica de atos injustos e anti-éticos. Ele vai criticar, por exemplo, o árbitro da partida Equador x Paraguai que segundo o cronista teria prejudicado os equatorianos:

---

<sup>15</sup> Ver Álvaro do Nascimento. In: Jornal dos Sports, 07/04/1949, p. 8.

<sup>16</sup> Ver Álvaro do Nascimento. In: Jornal dos Sports, 08/04/1949, p. 8.

<sup>17</sup> Ver Álvaro do Nascimento. In: Jornal dos Sports, 09/04/1949, p. 8.

<sup>18</sup> Ver Álvaro do Nascimento In: Jornal dos Sports. 14/04/1949, p. 8.

<sup>19</sup> Um exemplo é a crônica do dia 15/04/1949 da referida seção na qual ele questiona uma nota enviada pela CBD sobre o estacionamento de automóveis no Estádio de São Januário que segundo a visão do cronista seria desrespeitosa com a instituição e com funcionários do clube Vasco da Gama, polemizando assim abertamente com as autoridades da Confederação Brasileira de Desportos.

O tento marcado pelo Equador foi conquistado com todos os requisitos de legalidade. Nada justificou sua anulação. São fatos desta natureza que provocam, muitas vezes distúrbio nos gramados. Se os jogadores se rebelam, antes de uma injustiça são considerados como indisciplinados, enquanto que o árbitro, o causador do mal, passa por bom moço.

Qualquer delegação que se desloca de um país, traz consigo a confiança dos seus compatriotas. Palpitam corações no Equador e no Paraguai, ansiosos pelos triunfos dos seus bandos. A derrota quando é justa dá tristeza, mas não provoca revolta. Mas, quando a derrota é injusta, todos nós sabemos que abre uma ferida difícil de cicatrizar.

O árbitro Amenthal a estas horas andarás nas bocas de todos os equatorianos. Ninguém o chamará de bonito ou bom rapaz. O Armenthal sabe como se chama no Uruguai a um árbitro que por incompetência, má fé ou descuido prejudica um quadro. No Uruguai, como no Brasil, ou em qualquer outra parte, esse árbitro é chamado por um nome feio, que nós não dizemos, mas que todos que estão nos leem estão dizendo por nós...

Que o Santo Antônio nos livre das más línguas, dos maus vizinhos e do Armenthal (JORNAL DOS SPORTS, 12/04/1949, p.8).

É possível perceber que o tema central da crônica sobre uma partida disputada no torneio é uma suposta injustiça cometida pela anulação de um gol dos equatorianos. Em seus textos geralmente a preocupação maior do articulador é com a questão moral e o bom exemplo que as pessoas envolvidas com o esporte teriam que passar. Neste sentido a vilanização do árbitro por mais que aconteça de forma irônica é uma forma de defender um “ethos” dentro do mundo esportivo.

Outrossim, faz-se mister destacar nesse texto um argumento relacionado à ideia de representação nacional a partir das seleções de futebol sobretudo nos trechos que fazem referência à confiança dos compatriotas e a “palpitação” dos corações equatorianos e paraguaios.

Entretanto, o articulador também se propõe a analisar o desempenho das equipes futebolisticamente sem abandonar seu tom provocativo e irônico em outra crônica:

Se a cigana não me engana, a meu ver, os uruguaios vão pintar o diabo neste campeonato, embora com uma equipe considerada fraca. Quem foi rei, nunca perde a majestade. Filho de peixe, peixinho é. O resto é conversa mole para galinha sair do choco...

O Paraguai, que disputava com o Chile o quarto posto de eficiência técnica, não nos parece mais aquele adversário que em todos os tempos, andou metendo sustos à representação brasileira.

O Perú, esse sim. Progrediu a olhos vistos. Os rapazes peruanos jogam um futebol entusiástico, movimentado, embora com pouca malícia.

Ainda não vimos os rapazes do Uruguai jogar. Não nos ofereceram ainda o seu cartão de visita. Depois do jogo com o Equador seremos capazes de adivinhar a sua futura colocação. De qualquer maneira confiamos na classe dos nossos vizinhos do Prata.

---

No encontro entre o Paraguai do Perú, as opiniões dos catedráticos está dividida. Eu sou francamente favorável aos peruanos. A meu ver, o quadro do Perú é o mais homogêneo entre as equipes estrangeiras, à disputa do Campeonato Sul-americano de Football. A derrota da seleção peruana constituirá para mim uma grande surpresa. Se isso se verificar não terei dúvida em perguntar ao chefe da embaixada de Lima:

- O que há com o seu Perú?... (JORNAL DOS SPORTS, 13/04/1949, p. 8).

Com relação à opinião futebolística pessoal de Álvaro do Nascimento é possível destacar nesse trecho o respeito ao futebol uruguaio que mesmo sendo representado por uma equipe formada por juvenis em função da referida greve dos jogadores que acontecia no país, simbolizava um futebol vencedor e clássico e uma equivocada aposta no futebol dos peruanos<sup>20</sup> destarte a irônica brincadeira com a qual o articulista termina a crônica.

Outro tema muito controverso e tradicional já mencionado anteriormente que era a rivalidade da imprensa esportiva de São Paulo com o Rio de Janeiro, e está regularmente presente em crônicas de outros articulistas como a de Vargas Netto e do próprio diretor Mário Filho referidas anteriormente, também aparecia em um debochado texto de Zé de São Januário:

O cronista de “A Gazeta” parece pregador de sermão de Semana Santa. Tudo que aconteceu ou venha a acontecer, ao selecionado brasileiro, a culpa é nossa. O cronista de “A Gazeta” é o pregador, o selecionado é o Cristo, e a crônica desportiva carioca é composta de farizeus.

Diz o cronista bandeirante, que a cidade de São Paulo lava as mãos como Pilatos. Que entrega o Cristo sacrificado à sanha dos judeus. Lá, em São Paulo deram-lhe vitórias e cruzeiros. Nós aqui, possivelmente, não teremos nem vitórias nem cruzeiros.

Posso garantir ao cronista ortodoxo de São Paulo, que nós aqui, daremos vitórias, sem vaias, ao “Cristo”. E também alguns cruzeiros. Em São Paulo o número de cruzeiros é maior. E se, o número de cruzeiros é maior, é porque há mais cristos e mais farizeus para crucificá-los. O resto, caro cronista de “A Gazeta”, é sermão da semana santa para fazer chorar as “beatas” de São Paulo.

Nós aqui acreditamos no nosso selecionado. Apenas não somos imbecis de vir a público dizer que os “cristãos” de São Paulo são mais “cristãos” do que os do Distrito Federal.

A nossa crença é a mesma dos paulistas, pernambucanos ou mineiros. Nós somos generosos. Aos insultos dirigidos a crônica esportiva do Rio, escrita e falada, por um cronista anônimo de São Paulo, diremos apenas: “Perdoai-lhe senhor, ele não sabe o que diz”

(JORNAL DOS SPORTS, 20/04/1949, p. 8).

---

<sup>20</sup> A seleção peruana acabou ficando em terceiro lugar e o futebol uruguaio representado por uma equipe juvenil não realizou uma boa campanha terminando apenas na sexta posição. Em compensação o Paraguai chegou a derrotar o Brasil por 2x1 e sagrou-se vice-campeão do torneio.

---

Invocando a tragédia de Jesus Cristo como metáfora de defesa, o articulista escreve contra um suposto ataque de um cronista paulista à imprensa carioca. Esta histórica rivalidade que pode ser identificado desde os primórdios da própria gestação da imprensa esportiva no país estava muito acirrada durante a realização do torneio.

A questão econômica da arrecadação das partidas que seria maior em São Paulo, da plausível escalação de alguns jogadores paulistas por Flávio Costa para agradar o público local além do argumento implícito de que o Rio de Janeiro seria menos bairrista e arrogante e mais nacional e generoso são apresentadas nas entrelinhas de uma crônica “liturgicamente” ácida e em alguns pontos até mesmo ofensiva como nas expressões “imbecis” ou “beatas” de São Paulo.

Neste sentido, as crônicas de Álvaro do Nascimento durante a realização do torneio sul-americano de 1949 no Brasil abordaram diversas temáticas, mantendo suas tradicionais características de uma verve crítica, bem humorada, polêmica e muito explosiva. Denúncias, opiniões e posicionamentos fortes continuam caracterizando o autor tantos nos textos sobre outros assuntos, quando em crônicas que tinham como foco questões do campeonato continental.

### **Considerações possíveis**

O presente artigo faz parte de uma vontade comum de pesquisarmos um torneio sul-americano pouco estudado e que foi realizado às vésperas do primeiro campeonato mundial de futebol realizado no Brasil em 1950.

É uma pesquisa que se encontra em um estágio embrionário e que tem como pretensão acadêmica compreender diferentes olhares da mídia esportiva na época sobre a realização e os acontecimentos do Campeonato Sul-americano de 1949, bem como de que forma eles influenciaram nas expectativas do campeonato mundial vindouro.

Isto posto, esse trabalho é um primeiro passo onde de forma conjunta analisamos algumas crônicas de dois dos mais tradicionais cronistas do *Jornal dos Sports*, periódico que apoiou ostensivamente tanto a realização do torneio continental de 1949, quanto à organização do mundial de 1950.

A partir de colunas de Vargas Netto e Álvaro do Nascimento buscamos estabelecer uma primeira aproximação com olhares distintos e independentes, a fim de entender questões

importantes que surgem com as representações geradas por dois articulistas que podem ser identificados nos termos do historiador Jacques Le Goff “senhores da memória” da crônica carioca e expoentes do *Jornal dos Sports* na época.

## Referências Bibliográficas

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 03/04/1949.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes**: a criação do *Jornal dos Sports* e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.

\_\_\_\_\_. **Cronistas Esportivos em Campo**: Letras, Imprensa e Cultura no *Jornal dos Sports* (1950-1958). Curitiba: UFRJ, 2016. Tese de Doutorado em História.

GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.) e NOVAIS, Fernando A. (Coord.). **História da Vida Privada no Brasil**. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JORNAL DOS SPORTS. Várias edições. (1931-1958).

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LIRA FILHO, João. Con...Clave. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 3/04/1949, p. 9.

NASCIMENTO, Álvaro do. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 07/04/1949, p. 8.

\_\_\_\_\_. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 08/04/1949, p. 8.

\_\_\_\_\_. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 09/04/1949, p. 8.

\_\_\_\_\_. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 12/04/1949, p. 8.

\_\_\_\_\_. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 13/04/1949, p. 8.

\_\_\_\_\_. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 14/04/1949, p. 8.

\_\_\_\_\_. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 20/04/1949, p. 8.

PÓLO, Mário. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 02/04/1949, p. 5.

RODRIGUES FILHO, Mário. A única coisa que se pede do selecionador é a escalação de um verdadeiro scratch brasileiro. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 8/04/1949, p. 5.



SILVA, Geraldo Romualdo da. Cracks para a Copa do Mundo In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 14/04/1949, p. 5.

SILVA, Paulo Renato da. Memória e História de Eva Perón. In: **Revista de História (São Paulo)**. Nº 170, São Paulo, Jan./Jun. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003483092014000100143](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003483092014000100143)>.

SOTER, Ivan. **Enciclopédia da Seleção**: As Seleções Brasileiras de Futebol - 1914-2002. Rio de Janeiro, Folha Seca, 2002.

VARGAS NETTO, Manoel. Nossas Duas Equipes... In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 05/04/1949, p. 6. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

\_\_\_\_\_. Coração e Raciocínio. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 06/04/1949, p. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

\_\_\_\_\_. Afeto e Orgulho. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 07/04/1949, p. 4 e 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

\_\_\_\_\_. Palavras de São Paulo. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 08/04/1949, p. 4 e 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

\_\_\_\_\_. Quem a torcida queria... In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 09/04/1949, p. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.